

## A educação do olhar

Mauro Trindade<sup>1</sup>

Mais do que uma análise aprofundada a respeito das imagens ou um manual sobre os usos e técnicas da fotografia, gostaria que este pequeno texto que está diante de vocês fosse entendido como um convite. Uma sugestão para pensarmos juntos a respeito de coisas que gostamos de ver e fazer, como olhar imagens de família ou de locais que nós conhecemos e de compartilhar com pessoas queridas algumas de nossas alegrias e tristezas. Tudo isso está dentro das fotografias. E nelas também estão muitas informações, revelações e até algumas perguntas aparentemente simples, mas que parecem nunca ter uma resposta definitiva. E que sempre voltam à discussão. Isso parece um assunto muito complicado? Talvez, mas na verdade é algo que está diante de nossos olhos todos os dias.

A primeira questão é quando a gente vê uma fotografia, ela representa a realidade? De maneira geral, as fotografias são sempre imagens de alguma coisa, então é comum pensar que toda a foto é um registro mais ou menos fiel de algo que existe, existiu ou aconteceu. Mas, se isso é verdade, por que as fotos vistas na exposição *Olhares sobre o convento* podem ser tão diferentes? Por exemplo, Evangelos Pagalidis nos apresenta uma bonita imagem da fachada do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, atualmente o Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio (Mart), vista por detrás de flores de flamboyants que embelezam ainda mais a fotografia, num jogo de verde, azul, branco e laranja. Frederico Santa Rosa, por sua vez, também tem uma bonita fotografia do convento enfeitada por flores, mas traz ainda uma outra, com o museu refletido numa poça d'água. Se nós perguntarmos a qualquer criança a diferença entre elas, ela vai nos responder que esta última imagem foi feita à noite. São iguais, mas são diferentes. Por quê?

Porque uma simples escolha do horário – e, portanto, de luz – sobre o que fotografamos muda a maneira como vemos as coisas. Fotografias com pouca luminosidade acabam não ficando inteiramente claras e criam dúvidas sobre o que estamos observando. Esta foto de Santa Rosa não mostra o colorido das anteriores. Na verdade, é bastante escura e cheia de cinza, no chão e no céu cor de chumbo. Nela a estrada que passa à frente do Convento também se esconde e parece que ele está numa pequena colina de um verde bastante soturno também. Só o belo prédio cintila com uma luz intensa. E a partir daí nossa criatividade começa a voar, pensando a respeito do que é o prédio do Convento, o que ele guarda e como ele pode luzir dessa maneira. Coisas brilhantes nos parecem especiais, seja o sol, as estrelas, o ouro, a prata e imagens de deuses e santos, que muitas vezes têm auréolas na cabeça e parecem envolvidos numa luminosidade fantástica.

Então percebemos que uma simples mudança da luz numa fotografia pode causar mudanças em nosso olhar e o que vemos não é apenas o que está diante de nossos olhos, mas também um pouco de nossa imaginação.

---

<sup>1</sup> Professor de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da Uerj, jornalista e curador independente.

Lu Rocha, por sua vez, mostra uma foto com um jogo de luz e sombras ainda mais intenso. Em seu enquadramento, quer dizer, naquilo que a fotógrafa escolheu para estar dentro – e fora – da foto, ela destaca a silhueta do galo de metal que encima o campanário, ou seja, a torre onde estão os sinos da igreja. Mas o céu ao fundo parece muito estranho. A foto em preto e branco é misteriosa. Foi feita de dia ou à noite? O que significa esse galo sobre uma seta e um globo feito de tiras de metal ante um céu que parece anunciar uma tempestade?

A gente sabe que o galo é um animal de riquíssima simbologia que atravessou milênios e milênios de muitos povos e civilizações. Acredita-se que ele está associado ao próprio cristianismo há muito tempo, pois é o animal que anuncia o dia, assim como Cristo anunciou uma nova era para o mundo, que nessa escultura está representado por essa esfera, abaixo de uma seta que aponta para onde o vento sopra. Por isso essa escultura móvel é muitas vezes chamada de Galo dos Ventos. Não sabemos se a fotógrafa tinha tudo isso em mente quando fez esse registro, mas não podemos deixar de lembrar essas coisas quando estudamos assuntos como arte, história e religião. Assim, ao ver uma foto, não contamos apenas com o que vemos, mas com um repertório de outras imagens e conhecimentos que alimentam nossas interpretações. Ao observar uma fotografia – e, na verdade, qualquer imagem – requisitamos sem perceber todo nosso acervo mental de informações que irá nos ajudar a compreendê-la. Logo a nossa visão nunca é “pura”, mas está sempre misturada ao que já vimos, sentimos e pensamos.

Esse efeito do galo sobre a escuridão ou das flores sobre a fachada e com o céu ao fundo é conseguido com o que chamamos de composição. Que nada mais é que a maneira como os objetos, as cores e texturas são organizados dentro de uma fotografia. Há muitos artigos e livros sobre composição, mas quem gosta de fotografar vai descobrir que é melhor estudar a partir de seus próprios cliques e de outros fotógrafos e pensar a respeito das escolhas que foram feitas em cada uma delas.

Um bom exemplo disso são as fotografias de Ricardo Alves, que podemos dividir em dois grupos. No primeiro ele nos mostra o interior do museu, com objetos de arte expostos em suas salas e que ocupam o espaço de uma forma cuidadosa, divididos conforme suas formas e tamanhos. Na segunda parte ele mostra imagens de pessoas entre barracas de feira ou dançando em frente ao museu.

Qual teria sido a razão para ele fazer essas imagens? Claro que podemos perguntar aos autores, se eles estão disponíveis para responder, mas isso nem sempre acontece. Então nós temos de procurar, tanto dentro das fotografias quanto fora delas o que sabemos do museu e de Cabo Frio. Por exemplo, sabemos que o espaço das salas do museu tinha outros usos no passado. Ele era uma das alas do convento, ou o local onde os frades franciscanos viviam. Mas aquela sala especificamente foi transformada em local de exposição, um espaço limitado onde foram dispostos objetos e fotografias de uma forma que todos pudessem ser organizados e vistos de forma clara e que fizesse sentido. Há uma inteligência por detrás disso.

Já as fotos do lado de fora do museu mostram como as pessoas ocupam sua frente e arrumam as barracas em paralelo à fachada, para aproveitar o espaço da melhor maneira possível. Elas também dançam o Jongo, uma dança de roda com canto e música muito divertida e que tem origens africanas. A gente sabe que o Mart organiza exposições e, ao menos tempo, promove parcerias com a população de Cabo Frio, que realiza festividades e outras atividades culturais e econômicas no entorno do museu. Então o fotógrafo procurou chamar a atenção desses usos do espaço. O primeiro, latente, quer dizer, adormecido, esperando a chegada dos visitantes. E

o segundo, movente, quer dizer, em ação, com uma ocupação humana nas barracas e através da dança.

Assim descobrimos que a fotografia também tem de ser entendida não apenas como uma técnica, um efeito visual ou um registro de monumentos e objetos históricos, mas uma forma de contar histórias de nossa vida presente. Ou, como escreve o sociólogo francês Pierre Bourdieu, “uma ferramenta de mediação e de expressão identitária”. As fotografias revelam coisas que fazemos, como fazemos e com as quais nos identificamos ou não.

Vejam, portanto, quantas coisas a gente pode descobrir através das fotografias. Se quisermos entender mais a respeito de suas características, podemos estudar seus aspectos formais, como enquadramento, composição, cor, luz etc. Se nosso interesse for descobrir o que as coisas nas fotografias significam, seremos uma espécie de detetives, que são os historiadores e os historiadores da arte, entre outros profissionais. E, se o nosso foco estiver no trabalho, nas relações humanas, nas festas, casamentos e muitas outras coisas, podemos dizer que estamos fazendo antropologia visual. Há muitas maneiras de se pensar e sentir as fotografias.

Mas a pergunta que eu fiz lá no começo do texto continua valendo: a fotografia representa a realidade? Nós conseguimos reconhecer o convento em algumas delas, podemos identificar barracas, pessoas. Mas ao mesmo tempo vimos que certas escolhas dos fotógrafos podem perturbar nossa percepção e nosso entendimento, a ponto de não termos certeza absoluta de algumas questões. Então eu pergunto de novo: a fotografia sempre representa a realidade?

A resposta eu deixo com vocês.